

## A ADAPTAÇÃO COMO COMPONENTE DO PLANEJAMENTO: ENTRE AS CRIANÇAS, A INSTITUIÇÃO E A FAMÍLIA

Ariluci Boaventura Galeano

[ariluceboaventura@hotmail.com](mailto:ariluceboaventura@hotmail.com)

Maria Cristina Cusinato de Araújo

[mcristi67@yahoo.com.br](mailto:mcristi67@yahoo.com.br)

Nair Maria de Oliveira

[nairmdoliveira@hotmail.com](mailto:nairmdoliveira@hotmail.com)

OMEP/BR/MS – IEMS

Eixo temático: Aromas na relação entre instituição educativa, família e comunidade.

Categoria: Painel

### RESUMO

O ingresso na vida escolar é um momento especial para as crianças, e para os pais é motivo de tensão, pois deixarão seus filhos aos cuidados de pessoas desconhecidas, em um espaço também desconhecido. O período de adaptação na Instituição não é apenas dos pequenos, mas um processo que envolve a família, instituição e os professores, pois desses dependem a forma como os pequenos atravessarão esse período. Pensando nisso, idealizamos esse estudo a partir de nossa experiência profissional e práticas pedagógicas adotadas no período de adaptação em uma sala de Berçário, com crianças de oito meses a um ano de idade, no Instituto de Educação Professora Marisa Serrano (IEMS). As angústias que permeiam esse período motivou o presente estudo, para esse momento foi planejada uma rotina em nossa instituição com estratégias para que o período de adaptação se torne mais tranquilo e prazeroso para os nossos bebês. Para a elaboração da pesquisa recorreremos à teóricos como Ortiz e Carvalho (2012), Rosseti-Ferreira (2011) e Balaban (1988) e outros estudiosos que discutem a Educação Infantil e o período da adaptação das crianças, bem como os sujeitos envolvidos nesse processo. As estratégias utilizadas no IEMS, nesse período auxiliaram e permitiram as professoras, os pais e as crianças atravessarem essa fase de forma mais tranquila. Por entendermos que a adaptação envolve Instituição, professores e família, é que buscamos parceria e a compreensão dos envolvidos, que nos foram de grande auxílio nesse momento. Na introdução foi destacada breve análise do surgimento das instituições de Educação Infantil no Brasil. Ressalta-se ainda que ainda há muito a ser debatido sobre o tema.

**Palavras-chave:** Educação Infantil. Planejamento. Adaptação.

# **A ADAPTAÇÃO COMO COMPONENTE DO PLANEJAMENTO: ENTRE AS CRIANÇAS, A INSTITUIÇÃO E A FAMÍLIA**

Ariluci Boaventura Galeano

Maria Cristina Cusinato de Araújo

Nair Maria de Oliveira

## **INTRODUÇÃO**

A educação das crianças até os cinco anos hoje está assegurada por várias leis e garantida pelo Estado. Entretanto, durante muito tempo, a educação dos pequenos não era preocupação de nenhuma instância pública, e ficava exclusivamente sob responsabilidade da família. Com as mudanças no mercado de trabalho e a inclusão das mulheres no mesmo, tornou-se necessário pensar no destino dos menores. Segundo Paschoal e Machado(2009), no Brasil, as primeiras tentativas voltadas ao público infantil foram meramente assistencialistas, preocupadas principalmente com a guarda, higiene e alimentação dessas crianças, enquanto as mães saíam de casa para o trabalho. Antes disso, a primeira instituição de cuidado e amparo aos menores foi a roda dos enjeitados, sistema de guarda das crianças que eram abandonadas por suas mães, visando protegê-los da morte prematura. Hoje, a educação infantil é palco de muitos debates, e a criança é vista como sujeito de direitos, um ser social, cultural e histórico.

Com o advento da industrialização e a necessidade das mulheres trabalharem fora para ajudar no sustento familiar, aliado ao alto índice de mortalidade, abandono, e maus-tratos para com as crianças fizeram surgir os primeiros estabelecimentos que acolhiam e cuidavam das crianças.

Os asilos, creches e orfanatos surgiram com o objetivo de acolher e cuidar crianças abandonadas e ajudar as mães que trabalhavam fora. Segundo Paschoal e Machado:

Diferentemente dos países europeus, no Brasil as primeiras tentativas de organização de creches, asilos e orfanatos surgiram com um caráter assistencialista, com o intuito de auxiliar as mulheres que trabalhavam fora de casa e as viúvas desamparadas. (2009, p.82).

No início do séc. XX surgiram no Brasil algumas instituições de atendimento e assistência a criança e também as mães grávidas e lactantes. As propostas para uma efetiva educação infantil pelo poder público, assegurada por lei não existia. Apenas na década de 1980 é que observamos significativas mudanças na Educação Infantil, avanços importantes foram conseguidos, novas Leis foram aprovadas após pesquisas comprovarem a importância

da educação nesse período da infância. A Constituição Brasileira promulgada em 1988 estabelece no art. 208 que é dever do Estado a educação de crianças de 0 a 6 anos de idade, e define Educação Infantil como direito da criança, sendo opcional a família, matricular ou não seus filhos em creches ou pré-escolas. Avanços importantes aconteceram também com a Lei de Diretrizes e Bases da educação nº 90394/96, que em seu artigo 29 define a Educação Infantil como a primeira etapa da educação básica, e o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, criado em 1988. Conforme Pachol e Machado este documento tem o “objetivo de contribuir para a implementação de práticas educativas de qualidade no interior dos Centros de Educação Infantil” (2009, p.86).

E por intermédio de debates travados entre educadores e a classe política, e por muitas vezes pressionados pela sociedade fizeram com que essas mudanças começassem a acontecer.

Atualmente é direito da criança o acesso à educação infantil, e, não apenas aos pais que trabalham fora, com esse direito garantido, cada vez mais cedo os pequenos são matriculados nos Centros de Educação Infantil, fazendo com que os professores se deparem com os desafios da adaptação infantil, realidade que envolve também os pais e principalmente os pequenos, personagens principais dessa fase.

### **Adaptação: primeiros contatos.**

O ingresso na vida escolar é um momento especial para as crianças em qualquer idade, e para os pais é motivo de tensão, pois deixarão seus filhos aos cuidados de pessoas desconhecidas, em um espaço também desconhecido. Essas dúvidas podem levá-los a vários questionamentos tais como: “Será que estou fazendo a coisa certa? Não seria melhor deixar meu filho(a) aos cuidados de minha mãe, ou alguém mais próximo? A instituição de Educação Infantil é um lugar seguro para a criança? As pessoas que irão cuidá-lo possuem qualificação, paciência e carinho com os pequenos? Meu filho(a) ficará mais doente agora do que antes?”

A ansiedade e o medo são inevitáveis, e essas dúvidas devem ser amenizadas com o acolhimento e o diálogo entre instituição, pais e professores.

Para as crianças dos Berçários esse ingresso é mais difícil, pois elas estão acostumadas a conviver em locais conhecidos com um grupo restrito de pessoas (pais,

irmãos, tios, avós e outros conhecidos). Imagine então esses bebês serem deixados em um ambiente estranho em companhia de pessoas que nunca viram na vida, adultos e crianças com os quais não possuem vínculo algum.

A primeira reação das crianças frente a essa nova realidade pode variar de umas para outras, algumas choram sem parar, agarram-se as mães e recusam-se a entrar na sala de atividades, depois que os pais ou responsáveis retiram-se os pequenos gritam, não aceitam carinho e colo das educadoras, recusam brinquedos, alimentos, sucos e até água, preferem chorar nas janelas e portas das salas a saudade e ausência de seus entes queridos. Outros pequenos preferem calar-se, refugiar-se no colo das professoras, nos carrinhos ou nos vários ambientes da sala, tristes e sem entender o que está acontecendo buscam alívio e refúgio no sono, segundo Ortiz e Carvalho, 2012, p. 47:

[...] O espaço é coletivo, mas o momento é individual para cada criança. Cada um tem seu modo de enfrentar a novidade, de reagir. Enquanto alguns bebês grudam na mãe, assustados com o ambiente, outros se “atiram” à novidade do espaço e das pessoas.

O período de adaptação na Instituição não é apenas dos pequenos, é um processo que envolve também a família e professores, que, com conhecimento teórico aliado ao carinho e atenção, tentam minimizar o sofrimento das crianças, e abreviar o tempo envolvido nesse processo que pode variar de uma criança para outra.

Conforme aponta Rosseti-Ferreira, Vitoria e Goulardins:

Nessa fase inicial, em que criança, família e educador estão se conhecendo, pode durar dias ou meses. Pensando melhor, sempre estarão se conhecendo. Por isso se diz que a adaptação, de certa forma, nunca termina. Digamos que há uma fase em que o desafio é maior. (2011, p.53).

Nesse sentido, todos os sujeitos envolvidos na rotina da criança devem buscar formas e estratégias para que esse processo de adaptação ocorra da maneira mais tranquila possível.

## **Estratégias para adaptação**

Enquanto professoras de uma turma de Berçário, com crianças na faixa etária de oito meses a um ano de idade, deparamo-nos com a realidade acima descrita. Em reunião com a coordenadora pedagógica da nossa instituição, discutiu-se a possibilidade de amenizarmos o

máximo possível o período de adaptação, e a primeira estratégia adotada foi convocar os pais ou responsáveis para uma conversa, antes dos pequenos iniciarem o período letivo.

O primeiro encontro com os pais, realizado antes ou quando as crianças entrarem para o seu programa, é vital para você aprender algo sobre as crianças. Ele estabelecerá o tom no seu relacionamento com a família e influirá no tipo de contato que farão no transcorrer do ano. (BALABAN, 1988, p. 83).

E para esse momento foi elaborado um questionário<sup>1</sup> com perguntas sobre a rotina e hábitos das crianças e familiares em seus lares, como forma de conhecê-los um pouco melhor. Esse momento foi muito importante, pois nós professoras nos apresentamos aos pais, oferecendo a oportunidade de conhecimento mútuo e diálogo, visando sanar dúvidas e deixá-los mais seguros em deixarem seus filhos aos nossos cuidados.

[...] Em outras palavras, saber de onde a criança vem e para onde vai, o que a família e a instituição querem e podem esperar uma da outra, de que forma será feita a inserção e o que a criança precisa saber sobre ela. O tempo de vivenciar o novo, se realizando de forma gradual e bem cuidada, pode ser tempo de criatividade, de descoberta, e não apenas de receios, traumas, dificuldades. (ORTIZ e CARVALHO, 2012, P. 47).

Foi elaborado em conjunto com a coordenação pedagógica, uma rotina com atividades e horários flexíveis nas primeiras semanas, para proporcionarmos uma adaptação gradativa, em que o horário de saída dos bebês foi sendo aumentado aos poucos, para que esses pudessem se acostumar com a rotina da turma e da instituição. Na primeira semana, o horário de saída foi às 11 horas, na segunda semana às 13, na terceira semana às 15, para apenas após a quarta semana saírem no horário normal, às 16 horas e 30 minutos. Nesse período, a comunicação com os pais foi constante, os pais tiveram a oportunidade de adentrarem com seus filhos, conversarem com as professoras tirando dúvidas e conhecendo da rotina da sala e da instituição, amenizando essa separação.

O período de adaptação pode ser cuidadosamente planejado para promover a confiança e o conhecimento mútuos, favorecendo o estabelecimento de vínculos afetivos entre as crianças, as famílias e os educadores. (ROSSETI-FERREIRA, VITÓRIA E GOULART, 2012, p. 53).

Outras estratégias adotadas foram carinho, atenção e cuidado diferenciados a cada pequeno, de acordo com suas necessidades individuais. Cantigas de roda também foram aliadas nesse momento, pois quando o choro se tornava intermitente, recorriamos a elas, e

---

<sup>1</sup> O questionário encontra-se em anexo.

gradualmente, os pequenos acalmavam-se e até gesticulavam ao ritmo da melodia. Banho morno e soninho em horários diferenciados foram constantes e utilizados de forma a acalmar e acalentar os bebês nesse período. O ambiente foi preparado especialmente para acolher os pequenos durante a adaptação, cantinhos diversificados com brinquedos, livros de pano, brinquedos sonoros e a decoração da sala com motivos alegres e festivos, tais como: móveis, cartazes de boas vindas coloridos e adequados a sua faixa etária. A nutricionista da instituição elaborou um cardápio especial para os bebês, com alimentos mais líquidos e de fácil ingestão, sucos e água também foram oferecidos em vários momentos.

Reforçamos com os familiares a importância dos mesmos adaptarem-se à rotina da instituição, seja nos horários de soninho e alimentação, seja no aleitamento materno, que após, alguns dias observando que os bebês recusavam-se a alimentar-se, pedimos então as mães para que o aleitamento materno fosse oferecido apenas à noite, e que mesmo nos fins de semana essa rotina fosse seguida pela família. Essa parceria deu frutos importantes na adaptação dos bebês, que passaram a alimentar-se melhor e a sofrer menos.

Também incentivamos os pais a trazerem fotos da família, brinquedos e outros objetos de apego das crianças, como cheirinho e chupetas, no intuito de trazer um pouquinho do ambiente familiar para a instituição.

Chamados de objetos de apego ou, como nomeou Winnicott, de objetos transicionais, são objetos escolhidos pelas crianças por terem algum significado e podem ser largados quando outras coisas ou experiências puderem substituí-los. Isto requer tempo, assim como o trabalho da creche, que, como dissemos, precisa conquistar o bebê, fazê-lo sentir que ali também é o seu lugar. (ORTIZ e CARVALHO, 2012, P. 50)

Conforme as crianças se adaptam à rotina da instituição e adquirem confiança nas pessoas com as quais convive diariamente, transferem a figura de apego, que antes era normalmente os pais, para uma das educadoras:

Em psicologia, essa primeira relação afetiva é chamada de apego. É a primeira relação estável que um ser humano estabelece, em geral com a mãe. Mas, apesar de a mãe geralmente ser a primeira figura, o bebê tem a capacidade para estabelecer outras relações afetivas, ampliando sua rede de relações ao longo de sua vida, como, por exemplo, pai, avós, tios, babás, educadores, etc. (ROSSETI-FERREIRA E ELTINK, 2012, p. 46).

Nesse sentido, costumamos dizer que quando uma criança é muito apegada a uma de nós, não somos nós que a escolhemos, mas sim, somos escolhidas por elas, nesse processo de

adaptação ao novo ambiente que as cercam. É importante destacar o papel de cada um dos funcionários da instituição, que no primeiro momento participaram ativamente na adaptação dos bebês, foi feita escala para auxiliar o trabalho com as crianças, tanto nas salas quanto nos outros ambientes, pois nesse período é fundamental a participação de todos, no acalento e conforto dos pequenos.

## **Considerações**

Foi maravilhoso abordar este tema, que, pensamos, é motivo de muita angústia entre educadoras e familiares de bebês, pois o ingresso na Educação Infantil e na vida escolar é um período muito especial na vida das crianças, porém envolve a fase da adaptação, período no qual a criança passará por medos, conflitos e angústias com a separação da família. A forma como os pequenos são acolhidos e tratados nesse momento influenciará na maneira que eles verão a instituição e os profissionais que nela atuam. Confiança e segurança são essenciais para a adaptação dos pequenos e para a criação dos novos vínculos na vida da criança. Choro, angústia, uma mistura de sentimentos de abandono e medo passam pela cabecinha dos pequenos nesse período, e família e instituição devem ser parceiras nesse momento tão especial. Carinho e atenção, não só por parte dos educadores, mas de toda a equipe da instituição, também devem fazer parte do planejamento para o acolhimento aos bebês, e podem auxiliar para que a inserção dos mesmos à nova rotina se dê de forma tranquila e segura.

## **Referências:**

BALABAN, Nancy. *O início da vida escolar*. Trad. Yeda Luci Sehm Berlin. – Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.

BRASIL. *Constituição Federal*. Brasília, 1998.

BRASIL. *Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Brasília, 1997.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Tereza Venceslau de. *Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação*. São Paulo: Blucher, 2012. – (Coleção InterAções).

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. *A história da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional*. Revista HISTEDBR On-line, Campinas, n. 33, 2009.

ROSSETI-FERREIRA, Maria Clotilde; VITÓRIA, Telma; GOULARDINS, Liliane Gonçalves. Quando a criança começa a frequentar a creche ou pré-escola. In: *Os Fazeres na Educação Infantil*. – 12. ed. São Paulo: Cortez; Ribeirão Preto, 2011.

ROSSETI-FERREIRA, Maria Clotilde; ELTINK, Caroline F. Relação afetiva, assunto de berçário. In: *Os Fazeres na Educação Infantil*. – 12. ed. São Paulo: Cortez; Ribeirão Preto, 2011.

## ANEXO

### QUESTIONÁRIO PARA OS PAIS

CRIANÇA: \_\_\_\_\_ NÍVEL: \_\_\_\_\_

PAIS OU RESPONSÁVEIS: \_\_\_\_\_

1. Com que pessoas a criança fica a maior parte do tempo fora da instituição?  
( ) mãe ( ) pai ( ) avós ( ) irmãos ( ) outros  
Em caso de outros, quem? \_\_\_\_\_
2. Quantas pessoas, além da criança, moram na casa? Quem são?  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_
3. A criança tem alguma alergia? ( ) sim ( ) não  
Se sim, qual? \_\_\_\_\_
4. A criança mama? ( ) peito ( ) mamadeira ( ) não mama
5. A criança faz uso de:  
( ) chupeta ( ) cheirinho ( ) outros \_\_\_\_\_
6. A criança tem algum costume na hora do soninho ( ) sim ( ) não  
Se sim, qual? \_\_\_\_\_
7. A criança tem algum problema de saúde? ( ) sim ( ) não  
Se sim, qual? \_\_\_\_\_  
Tem laudo médico? \_\_\_\_\_
8. Faz uso de medicação contínua? ( ) sim ( ) não  
Se sim, qual? \_\_\_\_\_
9. Em casa a criança alimenta-se corretamente e em horários adequados? \_\_\_\_\_



10. Em caso de emergência, quem avisar?

1° \_\_\_\_\_ Telefone \_\_\_\_\_

2° \_\_\_\_\_ Telefone \_\_\_\_\_

3° \_\_\_\_\_ Telefone \_\_\_\_\_

4° \_\_\_\_\_ Telefone \_\_\_\_\_